

## Chorar por causa de criança pequena

JÁ o lixeiro me levou cem pratas; esta foi a primeira coisa que me deu consciência de que o ano vai acabar. Cem pratas! A expressão tornou-se incorreta; temos de reajustar nossa linguagem à inflação. O que o pobre lixeiro ganhou vale cinquenta pequenos, levíssimos discos de alumínio de 2 cruzeiros cada um. Apesar de tão pequena e tão leve essa moeda talvez valha mais pelo seu metal intrínseco que pelo que nela está escrito. Hoje desci para comprar papel, êste papel em que bato minhas crônicas. Custa um cruzeiro e meio a fôlha. Ainda há quem diga que eu faço literatura barata!

\* \* \*

Como é todo escurinho, as môças da loja lhe botaram apelido de Pelé. É tímido e bem educado — tanto, que chega a ser um pouquinho gago.

Outro dia estava chovendo, Pelé ficou triste. E se queixava :

— Que chuva!

E dez minutos depois :

— Mas que chuva !

Uma das môças se espantou :

— Que tem a chuva, Pelé? Você não tem nenhuma entrega a fazer.

— É a Coca-Cola, dona. Com essa chuva ninguém compra Coca-Cola na praia...

— E que é que você tem com isso ?

Antes de vir para aqui eu era vendedor de Coca-Cola de carrocinha.

— Sei, mas não é mais. Você agora tem ordenado, com chuva ou com sol está ganhando o mesmo.

— É verdade, dona, mas com essa chuva o pessoal da Coca-Cola passa mal. Eu tenho pena dêles.

E olhava a chuva com o ôlho triste de um

humilde, mas sincero e leal agente do imperialismo norte-americano.

\* \* \*

Aquêlê filho de três anos, tão feinho e sempre tão perrengue, era o seu atraso de vida. O pai da criança, um entregador de gêlo, mudara de bairro e talvez de ofício, nunca tivera a menor curiosidade de ver a cara do filho.

Quando a criança morreu, Isolina, está claro, passou o dia chorando. O dia seguinte também ficou lá para dentro, no seu quartinho, chorando sem parar. A dona da casa, compadecida, queria que ela comesse alguma coisa, mas Isolina só sabia chorar. Passaram-se os dias, passou-se uma semana, e o abatimento de Isolina parecia cada vez maior, até achavam que ela tinha ficado com o juízo fraco. Conversar com ela não adiantava : olhava a cara da pessoa que queria consolá-la e disparava a chorar mais alto.

A môça da casa, que era interna em um colégio religioso de Petrópolis, chegou para as férias, e resolveu ter uma conversa séria com Isolina. Trancou-se com ela no quartinho e falou, falou, falou horas.

No dia seguinte de manhã é que se viu o milagre : Isolina na cozinha, de cara fresca, refeita, cantarolando. Logo que pôde, comentou com a dona da casa :

— Mas que coisa, hem, Dona Maria, eu naquele desespero, me consumindo de chorar, incomodando a senhora... O que me valeu foi aquela conversa tão bonita de Dona Maria de Lourdes. Esta noite eu estive pensando bem, Dona Maria de Lourdes é que tem razão...

E como se estivesse citando uma frase da môça :

— Bobagem, chorar por causa de criança pequena.